



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de inauguração da 26ª Bienal de Arte de São Paulo**

São Paulo-SP, 25 de setembro de 2004

Excelentíssimo senhor governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro Manoel Francisco Pires da Costa, presidente da Fundação Bienal de São Paulo,

Minha querida Cláudia Costin, secretária de estado da Cultura de São Paulo,

Meu caro Celso Frateschi, secretário municipal da Cultura, que falou em nome da prefeita Marta Suplicy,

Senhores ministros do meu governo,

Secretários do governo de São Paulo,

Deputados federais,

Senadores,

Primeira-ministra da Cultura de Portugal,

Demais autoridades presentes nesta abertura da Bienal,

Visitar a Bienal de São Paulo é uma daquelas ocasiões que permitem a nós, brasileiros, nos enchermos de orgulho. Pois é daqui do Ibirapuera, daqui do coração dessa querida São Paulo, que estamos tendo acesso à evolução das artes plásticas em todo o mundo.

Este evento, que vem ocorrendo periodicamente há quase meio século, coloca o nosso país na vanguarda do cenário mundial da cultura. A prova é que entre as mais de 50 bienais de artes plásticas que ocorrem mundo afora, a de São Paulo e a de Veneza são consideradas as duas mais importantes.



A democratização da cultura propiciada por esta Bienal é, também, um fator muito importante para mim e para toda a população que se beneficia dela. A cada dois anos, centenas de milhares de pessoas têm a oportunidade de chegar a este Parque e sair do seu mundo cotidiano. São estudantes, trabalhadores, donas de casa, enfim, gente que leva uma vida atribulada e que pode ter, neste espaço, a chance de enriquecer a sua sensibilidade.

É por isso que estendo os meus mais sinceros parabéns para os artistas, para os organizadores e para todos os parceiros públicos e privados que permitiram que agora, pela primeira vez, não sejam cobrados ingressos para a visita à exposição.

Tenho certeza de que esta decisão só tornará mais verdadeiro o próprio tema da Bienal. Estamos em um território livre, em um território onde nossa arte e a de todos os países convivem em harmonia, sem fronteiras que as delimitem. E onde cada cidadão, independentemente de poder ou não pagar uma entrada, poderá expandir os seus horizontes.

Meus amigos e minhas amigas,

Viver é inventar a vida. É estender e alargar as fronteiras do possível. Isso vale para o artista, para o político e para cada cidadão ou cidadã. Vale, também, para um país que vejo como uma grande obra de arte de sua gente. Especialmente um país em construção, como o nosso, em que é preciso inovar em todas as áreas, se quisermos superar as fronteiras que nos constroem.

Um país precisa de tudo um pouco – escolas, pontes, portos, empregos – mas, acima de tudo, precisa de uma alma, pois a simples contabilidade de perdas e ganhos pode ser suficiente para construir uma fábrica ou um banco, mas não é suficiente para erguer uma nação. Uma nação requer algo mais em que se possa acreditar, algo de que possa se orgulhar. Precisa de um olhar que a ajude a enxergar além da neblina. E o principal olhar de um povo são os seus artistas; seus artistas populares, seus artistas eruditos, seus intelectuais.



Um povo é incapaz de inventar seu futuro se não se reconhece mais como parte de um todo, cujo principal cimento é a cultura. A arte é a voz das nossas crenças e das nossas angústias, é a voz das nossas esperanças e da nossa resistência, é a fronteira, por excelência, da nossa liberdade.

Por isso, a cultura é o abrigo que distingue um povo de um simples amontoado de gente ou de uma mera estatística de consumo. Por isso, também, todos os ditadores, em todos os tempos, e todos os elitistas, em todos os séculos, sempre temeram a proximidade entre os artistas e o povo.

Nenhum grande artista ignora a sua terra e sua gente. Mesmo quando não fala diretamente ao seu povo, ele vocaliza a sua alma e ilumina o seu tempo.

A liberdade não é apenas um direito do artista: é o próprio oxigênio de uma nação. O artista não pode se submeter a receitas, limites e, tampouco, privilégios. Não pode se render à demagogia da facilidade, nem submeter o povo à mesmice e à vulgaridade.

Meus amigos e minhas amigas,

No nosso governo a atividade cultural não é vista como um privilégio e, sim, como a soma de atos expressivos, nos quais se inscreve a capacidade inventiva de um povo.

Por isso, o Estado está retomando o seu lugar e o seu papel na promoção da cultura, como democrático articulador e executor de políticas públicas. O Brasil aprendeu a reconhecer a cultura como um campo de inclusão social e de realização plena da cidadania, como base da nossa identidade e como setor dinâmico da economia, gerando emprego e renda.

Da mesma forma, quando buscamos uma nova inserção do Brasil no sistema das relações internacionais, a cultura tem uma missão que somente ela pode desempenhar. É a cultura que define a nossa cara, o nosso recado de vida, de liberdade e de solidariedade para o mundo. E este recado, tenho certeza, está sendo muito bem dado, a partir desta extraordinária Bienal.



Meus parabéns aos organizadores e meus parabéns a todos.